

Vitorino Nemésio e os Açores

A Ilha. . . As Ilhas. . . É ilhéu. . . E ficava-se nisto, arredondadamente, sem mais aprofundar. Ainda a Madeira tinha o vinho generoso, a mobília de verga, a banana, o carapuço do “vilão” com o pormenor pitoresco do grelo de lã alçado. Tinha os turistas ingleses que às vezes passavam por Lisboa e deixavam um rasto da ilha edénica. Depois, havia os doentes do peito que voltavam bendizendo o ar sedoso e as altitudes oceânicas: Júlio Dinis melhorzinho; António Nobre, hesitante entre Davos-Platz e o Funchal, mandando aos amigos o retrato irreconhecível, de barbicha, mas esperançado na cura e apaixonado pelo clima.

O português continental do século XIX, e ainda o do nosso, precisava disto tudo para não confundir Funchal com Ponta Delgada e o Pico com o Porto Santo. Mas dizia-se, por pilhéria, que um Ministro da Guerra da era constitucional, objectando-lhe o Comando Militar dos Açores que, por falta de vapor, um destacamento a enviar de Angra para a Horta não podia marchar no dia previsto, telegrafara, insistindo: “Siga via ordinária!”

Que admira, porém, se a bula de Paulo III que criou a diocese açoriana vincula o seu prelado ao título de Bispo de Angra e mais Ilhas dos Açores, na perpétua mistura dos topónimos insulanos? Em compensação, hoje fala-se da modesta freguesia terceirense do Arcanjo S. Miguel das Lajes, célebre pelo seu aeródromo, como se de Nova York ou de Buda-Peste se tratasse. . . Lajes. . . Quase Lajesfield. . . E já poucos metropolitanos confundem os Açores com a Madeira.

.....
Os Açores são humanamente mais novos que a Madeira cerca de um quarto de século. Em vez de uma grande ilha pletórica que reduz Porto Santo a uma relíquia, como acontece ao grupo insultar madeirense, pontuado pelas Desertas, dos Açores já se disse que são como um porta-aviões de seiscentos quilómetros, tantos quantos separam Santa Maria do Corvo. Embora a maior população e as maiores riquezas económicas e paisagísticas se concentrem na ilha de São Miguel, todas as outras conservam a sua originalidade e o seu poder, e o arquipélago desenvolve-se como uma teia de três malhas – os três grupos ou pequenas constelações de ilhas próximas, – omitido um dos quais, ou uma das mais íntimas unidades (Santa Maria ou o Corvo, a Graciosa ou as Flores) se arrisca a harmonia do conjunto.

No extremo sudeste a pequena plataforma escavada de Santa Maria vibra de motores de aviões: no extremo noroeste o Corvo persiste no seu velho sono sem história. Numa ponta do mapa, São Miguel com a sua velha civilização concentrada e progressiva; na outra, as Flores com o seu viver patriar-

cal e vaqueiro, não isento das visitas inopinadas dos cómodos que a emigração para a América provoca. No coração do sistema, a Terceira couraça-se ainda como um velho reduto histórico, ressoante de combates e cheio de relíquias gloriosas: Não longe, São Jorge refecha-se numa existência arcaizada de teares e de pascigos. A Graciosa conserva os seus vinhedos e as suas fumas como que à margem do mundo: o Faial antepara a muralha vulcânica do Pico com um porto-canal e uma cidadezinha, a Horta, que alia a um viver semirrural uma nota cosmopolita.

Os seiscentos quilômetros do porta-aviões açoriano referenciam-se a voo por nove manchas vulcânicas: a mais próxima da Europa a mil e quatrocentos quilômetros, a menos longe da América a três mil e seiscentos. População — pouco superior à da Madeira e também quase duplicada por emigrantes esparsos nas Américas, principalmente na do Norte. A Califórnia como que realiza um sonho de unidade pastoril que o açoriano não pôde realizar nas suas ilhas longínquas: Ai, os “ranchos” de vacas do homem das Flores são vizinhos dos do íncola da Terceira, e de São Jorge, e do Faial. O culto popular do Espírito Santo com o seu complicado folclore transplanta-se dos “bodos” islenhos para os do Vale do Sacramento.

.....

Só em meados do século XV a colonização se estendeu lentamente a todas as ilhas, que um século depois já desempenhavam papel de relevo na história de Portugal, sobretudo a ilha Terceira, tornada base de apoio às sondagens ao Novo Mundo desde fins de Quatrocentos. João Vaz Corte-Real e Álvaro Martins Homem, que partilharam entre si a donatária da ilha central do arquipélago, figuram entre os primeiros pilotos que se arrojam procurar “a parte ocidental” do Mundo, embora seja fraco o grau de certeza histórica das rotas que levaram a cabo, que alguns querem ligar com certos empreendimentos dinamarqueses no Atlântico noroeste.

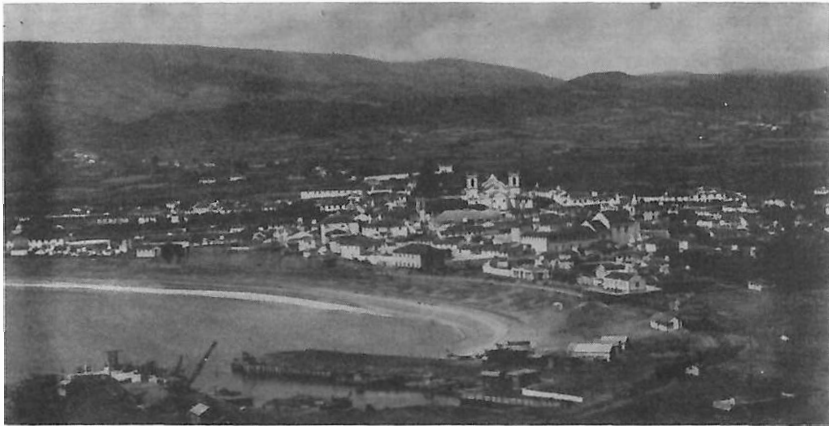
.....

A emigração para o Brasil culminou no século XVIII com a colonização do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina por dezenas de casais açorianos providos de alfaias agrícolas e protegidos por um sistema racional de garantias coloniais. A partir da cultura do pastel, as ilhas foram organizando a sua economia, acidentada por várias vicissitudes mas constantemente animada por um esforço tenaz. Acentuou-se a auto-suficiência alimentar, apesar das crises cerealíferas. Os seus excedentes pecuários, provocados por excelente regime natural de pascigos, foram finalmente absorvidos pela exportação de gado e pela industrialização racional dos lacticínios. Criaram-se novos produtos de comércio externo: primeiro a laranja, colocada sobretudo na Inglaterra; finalmente o ananás de estufa, com base no qual a ilha de São Miguel pôde lançar uma considerável flotilha mercante. A pesca da baleia, desenvolvida no começo do século XIX em contacto com os veleiros rivais da América e da Inglaterra abrigados no Canal do Faial, não só possibilitou uma indústria local importante como abriu ao açoriano o caminho pastoril do Far West e o trabalho na Nova Inglaterra.

Tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento. A solidão é o âmago do que está separado e distante. Quando eu era garoto via apenas, da vila de lavradores e de pescadores onde nasci, o minúsculo e alcantilado Ilhéu do Norte...

Mas contra o que se poderia tirar da área apertada que nos coube no berço, quanto à nossa equação com o Mundo e à nossa maneira de respirar, a verdade é que ninguém mais do que o ilhéu, a não ser talvez o homem da planície, possui o instinto da amplidão. É com os próprios olhos que tiramos do mar a terra que nos faltou. Ilhéus do que, de São Miguel para oeste, chamamos as Ilhas de Baixo, o dispositivo em que se encontram as ilhas do grupo central favorece essa impressão de mobilidade, de terras sonhadas, que as ilhas dão umas às outras. O clima, húmido e baço, torna-se cúmplice da ilusão.

CORSÁRIO DAS ILHAS — Jornal de Vitorino Nemésio. Lisboa, Livraria Bertrand, 1956 pp. 13-14, 25 a 29, 41 e 47



Este areal da Praia da Vitória, que foi palco de sangrento combate entre o exército de D. Pedro IV (1º do Brasil) e forças miguelistas, está ligado às recordações da infância do liberal Vitorino Nemésio.

* * *

Foi em junho de 1977 o nosso último encontro com Vitorino Nemésio. Vindo de Caracas, onde fora orador oficial da comemoração do 10 de Junho, retornava ao Rio de Janeiro para um último encontro com os amigos mais chegados e realizar, na Universidade do Rio de Janeiro, uma palestra a propósito do Centenário da morte de Alexandre Herculano.

Se bem me lembro, havia exatamente um quarto de século que aqui viera pela primeira vez. Com sólida reputação nos meios universitários e lugar de destaque nas letras portuguesas, trazendo, entre outras credenciais, o mérito de haver libertado o romance português (**Mau Tempo no Canal**) da prosa queirosiana, Nemésio, o andarilho, o cronista de viagens, ao descobrir o Brasil satisfazia mais uma parcela do grande sonho de ilhéu. Logo tomar-se-ia íntimo de José Lins do Rego, de Cecília Meireles, de Aurélio Buarque, entre tantos outros intelectuais. O seu arraigado açorianismo trouxe-o para o nosso convívio, atraído pela viola e a virtuosidade de António Silveira. A partir daí, reuniu os açorianos do Rio de Janeiro, sob a liderança de João Soares de Medeiros, e fundou a Casa dos Açores.

Dotado de grande capacidade de trabalho, dedicava-se com grande entusiasmo aos seus inúmeros afazeres, constituindo um tipo aparentemente desligado das coisas materiais, como bem caracterizou Josué Montello: “Quem o via na rua, meio aéreo, andando um pouco de lado, quase na ponta dos pés, supunha-o um ser distraído, que vai ali sem dar atenção ao mundo que o cerca. Puro engano. Ninguém mais atento a tudo, como o duplo senso — o do pormenor e o da generalização”, apesar do “ar ausente e reflexivo, de quem, como o velho filósofo, andasse a olhar as estrelas, sem reparar nos buracos do chão” (*).

Ei-lo, então, de volta, após inúmeras outras visitas. E aquele homem fisicamente frágil, mas de extraordinária vitalidade, já não existia mais. Um rosto marcado, com nariz proeminente e óculos de grossas lentes a disfarçar as farras sobranceiras, deixava transparecer o peso de alguns desenganos, a exaustão de longos anos de luta e, talvez, a certeza íntima da proximidade do fim. Já não vinha só: a sua Georgina cercava-o de atenções e de carinho, controlando os remédios e vigiando a dieta. O problema auditivo dificultava um pouco a comunicação e a carga de medicamentos deixava-o prostrado e um tanto sonolento. Mas, apesar de tudo, nenhum sinal de morbidez. Muito pelo contrário, a força interior manifestava-se ainda no desejo de conhecer e de criar que, no entanto, não encontrava uma correspondência física.

Mas, falar de Vitorino Nemésio é falar dos Açores, naquilo que o arquipélago possui de mais puro e mais poético. Quem o conheceu na intimidade, sabe perfeitamente que o seu apego às origens transcendia o particularismo político de uma mentalidade provinciana, fosse qual fosse a sua posição (sempre muito reservada) diante dos problemas que hoje se encontram na ordem do dia. Ligava-se mais às recordações da infância (“O gênio verdadeiro nunca ultrapassa a infância”), à veneração da figura do pai (“Meu Pai! meu Pai! minha luz!”) e ao sentimento de orfandade imposto a todo o emigrante. A sua Praia da Vitória era a de mestre Vitorino, seu avô, humilde marceneiro de barbas brancas, como S. José. Como é possível dar coloração política ao regionalismo de um intelectual que se formou dentro da cultura francesa, que adquiriu intimidade com as letras brasileiras, que constituiu família, estabeleceu-se e trincou na Metrópole, onde repousa para sempre?

Pelo seu “currículo” de viajante e o conteúdo humanístico de suas obras, chegamos à conclusão de que Nemésio era, na verdade, um cidadão do

(*) *Lembranças de Vitorino Nemésio*, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 7-III-1978 p. 11

mundo, ainda que não inteiramente liberto de um nacionalismo modelo séc. XIX. Politicamente era um adepto do “laissez faire”, acreditando muito mais nas virtudes individuais do que nos sistemas de governo. Um dos maiores especialistas em toda a obra de Herculano, recebeu incontestavelmente a influência do solitário de Vale de Lobos na formação do seu caráter, firme, incorruptível. Discreção, equilíbrio e coerência foram as características básicas do seu comportamento profissional, seja na recusa deste ou daquele cargo, seja na firme atitude por ele assumida no episódio que culminou com o seu pedido de exoneração da direção do **O Dia**. De certa forma, tudo isto explica o fato de ter sido um dos poucos intelectuais portugueses da velha guarda que não foram maculados pelos excessos de paixão revolucionária, conseguindo manter, inclusive, as suas tradicionais apresentações na televisão, sempre com grande audiência.

Não fez História, propriamente, mas literatura histórica. Como memorialista, o interesse pelas formas de cultura etnográfica, as reminiscências da terra natal, focalizada em todos os seus aspectos geográfico-humanos, encerraram-no em um mundo todo particular, onde o social era de importância secundária. Nas suas inúmeras crônicas de viagem a presença do homem como ser social é rara e, quase sempre, mera ilustração. Com preocupação estético-literária, deleitava-se na descrição pormenorizada da paisagem, das coisas e dos aspectos exteriores do comportamento das pessoas. Dos brasileiros, as grandes lembranças vinham do convívio com intelectuais, na nostalgia pelos velhos saraus onde saboreara alguns dos melhores pratos da nossa cultura de estufa. Pela dificuldade de despir-se de certos formalismos incorporados na sua própria ascensão, ao aproximar-se do homem comum tinha dificuldade de assumí-lo integralmente e de desvendá-lo no que possui de mais profundo, o que fez do seu **Violão de Morro**, por exemplo, uma inconsequente brincadeira poética, com diminuta autenticidade lingüística.

Poeta, romancista, contista, cronista, “historiador”, crítico e filósofo da cultura, Nemésio produziu uma obra que é um verdadeiro arquipélago — como notou David Mourão-Ferreira —, à qual conseguiu imprimir, no entanto, uma perfeita unidade, através de prodigiosa imaginação e pela originalidade e vigor do seu estilo.

OBRAS DE VITORINO NEMÉSIO

Poesia

- 1916, Angra do Heroísmo — **Canto Matinal** (Juvenilia).
- 1922, Coimbra — **Nave Etérea**.
- 1935, Coimbra — **La Voyelle Primise**.
- 1938, Coimbra — **O Bicho Harmonioso**.
- 1940, Coimbra — **Eu, Comovido a Oeste**.
- 1950, Lisboa — **Festa Redonda**. Décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao povo da Ilha Terceira.
- 1953, Lisboa — **Nem Toda a Noite a Vida**. (2ª ed. 1973)
- 1955, Lisboa — **O Pão e a Culpa**.
- 1959, Lisboa — **O Verbo e a Morte**.
- 1961, Lisboa — **Poesia (1935-1940)**.
- 1963, Lisboa — **O Cavalinho Encantado**.
- 1964, Lisboa — **Andamento Holandês e Poemas Graves**. (fora do mercado)

- 1965, Rio de Janeiro — **Ode ao Rio, ABC do Rio de Janeiro.**
 1966, Angra do Heroísmo — **Vesperais (1916-1918).**
 1966, Lisboa — **Canto de Véspera.**
 1968, Lisboa — **Violão de Morro (. . .)** seguido de **Nove Romances da Bahia.**
 1972, Lisboa — **Limite de Idade.** (acompanhado de um disco compacto no qual o autor fala do seu livro e diz alguns poemas)
 1972, Lisboa — **Poemas Brasileiros.**

Antologias

Pequena Antologia dos Primeiros Escritos Brasileiros (Coimbra, 1943), **Pequena Antologia da Poesia Brasileira nos Séculos XVII e XVIII** (Coimbra, 1944), **Portugal, a Terra e o Homem** (Lisboa, 1957; 2ª ed. 1978), **Versos de Camões** (Lisboa, s/d), **A Poesia dos Trovadores** (Lisboa, 1962), **Quatro Prisões Debaixo de Armas e Outras Histórias** (coletânea extraída da sua própria obra, Lisboa, s/d).

Viagens, crônicas

- 1954, Lisboa — **O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos.** (Prêmio "Silva Marta", 1958)
 1956, Lisboa — **Corsário das Ilhas.**
 1958, Lisboa — **O Retrato do Semeador.**
 1965, Lisboa — **Viagens ao Pé da Porta.**
 1968, Lisboa — **Caatinga e Terra Caída.** Viagens no Nordeste e no Amazonas.
 1974, Lisboa — **Jornal do Observador.**

História, ensaio, crítica

- 1925, Coimbra — **Camilo.**
 1929, Coimbra — **Memorial da Praia da Victoria.**
 1932, Coimbra — **Sob os Signos de Agora.**
 1934, Lisboa — **A Mocidade de Herculano Até à Volta do Exílio (1810-1832).** 2 vols.
 1936, Coimbra — **Isabel de Aragão, Rainha Santa.** (2ª ed. 1960; trad. esp. 1944)
 1936, Coimbra — **Relações Francesas do Romantismo Português.**
 1938, Lisboa — **Études portugaises — Gil Vicente, Herculano, Antero de Quental. Le symbolisme.**
 1941, Lisboa — **Gil Vicente, Floresta de Enganos.**
 1942, Porto — **Alexandre Herculano. O Historiador.** (in "História da Literatura Portuguesa Ilustrada", dir. por Albino Forjaz de Sampaio).
 1943, Lisboa — **Vida de Bocage.** (in "Bocage. Sonetos"; 2ª ed. 1956)
 1943, Lisboa — **Moniz Barreto.** Ensaio de Crítica.
 1945, Lisboa — **Ondas Médias.** (biografia e literatura)
 1947, Lisboa — **Exilados (1828-1832).** História sentimental e política do liberalismo na emigração.
 1948, Lisboa — **Perfil de Adolfo Coelho.**
 1952, Rio de Janeiro — **Portugal e Brasil no Processo da História Universal.**
 1953, Porto — **Perfil do Prof. Sousa Júnior.**
 1953, Lisboa — **Destino de Gomes Leal.** Seguido de **Poesias Escolhidas, com dispersos desconhecidos.**
 1954, Lisboa — **O Campo de São Paulo.** A Companhia de Jesus e o Plano Português do Brasil (1528-1563). (2ª ed. 1971)
 1957, Lisboa — **Perfil de Hernani Cidade.**
 1957, Lisboa — **Problemas Universitários da Comunidade Luso-Brasileira.** (Oração de Sapiência na abertura das aulas da Universidade de Lisboa, em 1954).
 1958, Salvador (BA) — **Conhecimento de Poesia.** (2ª ed. Lisboa, 1970)
 1959, Lisboa — **Vida e Obra do Infante D. Henrique.** (3ª ed. 1967)
 1961, Lisboa — **Almirantado e Portos de Quatrocentos.**
 1964, Lisboa — **Romance, Existência e Visão do Mundo.**
 1966, Lisboa — **Elogio Histórico de Júlio Dantas.**
 1971, Paris — **La génération portugaise de 1870.**
 1976, Lisboa — **Era do Átomo/Crise do Homem.**

DIALOGOS CONFIDENCIAIS



VITORINO NEMÉSIO Mendes Pinheiro da Silva nasceu na Praia da Vitória (Ilha Terceira, Açores), em 19-XII-1901. Seus estudos secundários foram feitos nos liceus de Angra do Heroísmo e Horta, tendo extraído desse ano de vivência na ilha do Faial a inspiração para a ambientação do seu célebre romance **Mau Tempo no Canal**. Cabo do Regimento de Infantaria 25 (1919), pôde chegar à metrópole, onde trabalhou como empregado de escritório e profissional de imprensa (1921). Foi redator de **A Pátria**, do **Imprensa de Lisboa** e, com Artur Portela e outros, fundou o vespertino **Última Hora**, precursor do **Diário de Lisboa**. Transferindo-se para Coimbra, cursou a Faculdade de Direito (1922-24), passando, em seguida, para a Faculdade de Letras, primeiramente para a seção de História e Geografia e, depois, para o setor de Filologia Românica, disciplina na qual licenciou-se (1931) e doutorou-se em Lisboa (1943). Em Coimbra, fora aluno de Carolina Michaëlis, de Paulo Merêa e Joaquim de Carvalho, ficando sob a direção deste no cargo de revisor da Imprensa da Universidade. Ainda estudante, presidiu ao Centro Republicano Académico e à Associação Cristã de Estudantes, pertenceu à direção do Orferão Académico e dirigiu os jornais **Humanidade** e **Gente Nova**, sendo ainda co-fundador da revista **Tríptico**, precursora da **Presença**. Professor auxiliar (1933), professor extraordinário (1939) e catedrático (1941) da Faculdade de Letras de Lisboa, da qual foi diretor (1956-59), decano e representante ao Senado Universitário, sendo jubulado em dezembro de 1971. Lecionou também nas Universidades de Montpellier (1935-1937) e de Bruxelles (1937-1939), tendo trabalhado nessa época sob a orientação de Georges le Gentil, Marcel Bataillon e Robert Ricard. Foi professor visitante das Universidades da Bahia (1958) e do Ceará e fez breves cursos e conferências em universidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza, Londres, Leeds, Oxford, Utrecht, Bonn, Colônia, Marburgo, Göttingen, Paris (Sorbonne), Strasbourg, Poitiers, Bordeaux, Toulouse, Nice, Madrid, Porto, Luanda e Lourenço Marques, as últimas em 1960. Fundou e dirigiu a **Revista de Portugal** (10 tomos, 1937-1940), título tirado da primeira, a de Eça de Queirós, e colaborou durante toda a sua vida na imprensa periódica até se tornar, depois de 1974, o primeiro diretor de **O Dia**, de Lisboa. Membro da Academia das Ciências de Lisboa (1957), da Comissão de reforma da Faculdade de Letras de Lisboa (1960) e do Conselho de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian; sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Capistrano de Abreu; primeiro presidente da Alliance Française de Lisboa, membro das comissões nacionais dos centenários da morte do Infante D. Henrique (1960), da publicação de **Os Lusfadas** (1972), da morte de Alexandre Herculano (1977); presidente da Comissão Nacional do V Centenário de Gil Vicente (1965) e participante das missões culturais ao Brasil pelo centenário de Fundação de São Paulo (1954) e do nascimento de Pedro Álvares Cabral (1967). Doutor honoris causa pelas Universidades do Ceará e de Montpellier (1960); detentor dos prêmios "Ricardo Malheiros", da Acad. das Ciências de Lisboa, e "Montaigne". Internado no Hospital da C.U.F. desde 26 de dezembro de 1977, Vitorino Nemésio veio a falecer no fim da manhã de 20 de fevereiro seguinte, sendo sepultado no cemitério de Santo António dos Olivais, em Coimbra. Em 6 de março do corrente ano, o embaixador francês Jean-Paul Anglés entregou a Georgina Nemésio, filha do escritor, a Ordem Nacional da Legião de Honra, que lhe foi concedida postumamente pelo Governo da França.

Ficção

- 1924, Coimbra – **Paço do Milhafre**. (contos)
1927, Lisboa – **Varanda de Pilatos**. (romance)
1937, Coimbra – **A Casa Fechada**. (novela)
1944, Lisboa – **Mau Tempo no Canal**. (romance; 5ª ed. 1973; trad. franc. 1953)
1949, Lisboa – **O Mistério do Paço do Milhafre**. (contos)

Edições críticas de Herculano

Cenas de um Ano da Minha Vida e Apontamentos de Viagem (1934), **Cartas de Vale de Lobos ao 3º Duque de Palmela e a José Cândido dos Santos** (3 vols., 1952-53), **O Bobo** (1958, e nas "Obras Completas de A.H.", 1972), **Eurico, o Presbítero** (O.C., 1972), **Lendas e Narrativas**, 2 tomos (O.C., 2ª ed., 1974), **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**, 2 tomos (O.C., 1975).

Traduções

A Vigésima Quinta Hora (1949) e **O Homem que viajou Sozinho** (1955), de Constantin Virgil Gheorghiu; **História da Arte**, de Élie Faure (1951), **O que É Vivo e o que É Morto na Filosofia de Hegel**, de Benedetto Croce.

Tem ainda vasta colaboração dispersa em revista especializadas ("Seara Nova", "Revista da Fac. de Letras de Lisboa", "Colóquio/Letras"), em obras coletivas e na imprensa periódica ("Diário Popular", etc.)

BIBLIOGRAFIA SOBRE VITORINO NEMÉSIO

Críticas sobre Vitorino Nemésio, com biografia, bibliografia e antologia de poesias originais em espanhol e francês e versões de textos seus em italiano, francês, inglês e alemão. Coordenação de António C. Lucas, sob consulta de Luís Forjaz Trigueiros, David Mourão-Ferreira e Vitorino Nemésio. Lisboa, Livraria Bertrand, 1974 XX-347 pp.; MOURÃO-FERREIRA, David, "A obra romanésca de Vitorino Nemésio", **Colóquio**, nº 42. Lisboa, fev. de 1969, pp. 48-50; BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRI-TAL DE ANGRA DO HEROÍSMO, **50 Anos de Vida Literária de Vitorino Nemésio**. Catálogo da Exposição Bibliográfica comemorativa. Angra do Heroísmo, 1966; **Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Vitorino Nemésio**. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971 pp. XI-LXVIII.

FRANCISCO LUIZ BORGES SILVEIRA